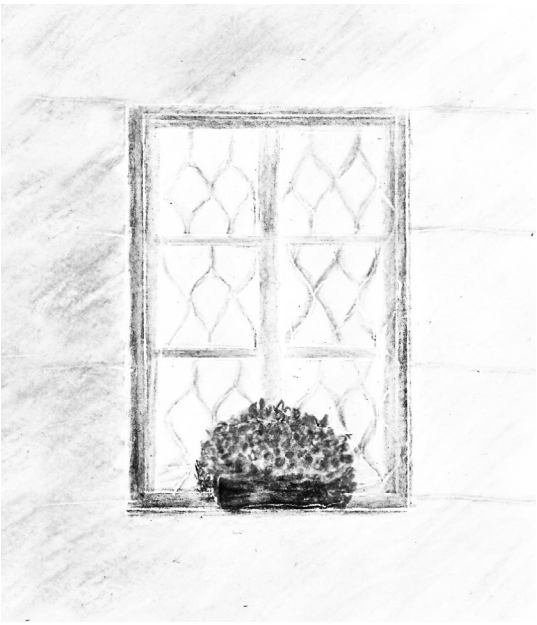


© Copyright by Luis Torcato -2019

ISBN: 9781701580558
Selo editorial: Independently published

Revisão - Érica Syrayama
Capa e Diagramação - E-33 (studio)

1a. Edição - 2019 - São Paulo - Brasil

Este livro foi publicado de acordo com as novas normas ortográficas da língua portuguesa, implementadas no Brasil em janeiro de 2019

Do mesmo autor: O camelo fala - 2017 - Auto ajuda
Anno Zero - 2018 - Ensaio
Divina terra - 2020 - Romance

Para Érica

A MORTE DA DOCE SENHORA

Luis TORCATO

VISITA

— Ah, que bom que você já está aqui. Esperava você só amanhã.

— Como vai, tia?

— Bem, e você?

— Tudo bem, muito serviço. Pensei em vir amanhã cedo, mas como já resolvi tudo...

— Ainda bem, você sabe como a Rosa é ansiosa. Passou a manhã inteira perguntando por você... quer comer alguma coisa? Almoçou? Fiz bolo de milho verde...

— Não, obrigado, já almocei... depois você me corta um pedaço de bolo e café. E a vó, como ela está?

— Bem, você sabe que ela não está bem. Ela tem sofrido tanto. Agora está dormindo, mal comeu, o que cai no estômago, põe para fora. É o efeito do remédio.

— É, a quimio derruba mesmo, mas não tem outro jeito. Mas parece que ela está aguentando bem. Ainda bem que você está aqui para

ajudá-la, eu não posso fazer muito. Pedi minha transferência para a base de São José dos Campos, mas parece que só será possível no ano que vem. Aí ficaria mais perto de vocês.

— Ah, Estevão... você tem ajudado como pode. Mas tem sua vida, sua carreira... pensei que você viria fardado... A Rosa adoraria ver você de farda... ela sempre diz, brincando, que seria capaz até de se casar com um porteiro de hotel, só por causa do uniforme.

— Iracema... quem está aí...

— Ela acordou... espere um pouco...

— Iracema... é você Estevão? Entre aqui.

— Olá, vó... dá um abração... como a senhora está?

— Ah, bem, muito bem... claro já estive melhor, mas isso faz tempo. Ainda bem que você não vai perguntar o que é que eu tenho... Mas eu vou te dizer: eu tenho... 83 anos.

— Sei... parece bem menos...

— Ora, Estevão, guarde seus galanteios para as suas namoradas, claro que você está mentindo... E por falar em namoradas, como "elas" estão?

— No momento estou sozinho...

— Deve ser só por um "momento" mesmo, heim Iracema? Um homem desses, e a farda azul como aqueles galões prateados... aquele broche de "asinha", símbolo da Aeronáutica... porque não está de farda?

— Ora, vó, estou de férias, esqueceu?

— Não mude de assunto, e a moça? Separou-se de novo? Você vive se casando e se separando... nunca vi gostar tanto de casamento...

— Rosa, quer que eu pegue mais um travesseiro para você, fica mais alto, mais confortável...

— Não Iracema... acho que quero ir ao banheiro... vem comigo.

— Volte a descansar, vó, depois conversamos sobre a viagem.

— Já disse que estou bem... espere um pouco...

- x 0 x -

— Deite-se e descanse, Rosa. Mais tarde acordo você para tomar um caldinho...

— Caldinho... caldinho... estou cheia de caldinho... Pede uma pizza, Estevão, com bastante pepperoni.

- x 0 x -

— Sua avó é danada... mas não dá trabalho... deixa ela descansar um pouco, sente muita sonolência. Durante a semana a Judith fica com a gente, faz todo o trabalho, é uma mulher muito boa. Não vem aos sábados porque é adventista do 7º. Dia, mas todo domingo pela manhã passa por aqui para ver se está tudo bem. E, depois, não há muito o que fazer aqui. Só não faço o serviço mais pesado por causa da coluna, mas fora isso cuido bem da casa. Falei para Rosa contratar uma diarista, sairia mais barato, mas ela é apegada à Judith. Afinal, são mais de 15 anos trabalhando aqui.

— E o que os médicos dizem?

— Você sabe como é. Nunca dizem a verdade. No começo do ano ela operou o estômago, tirou uma grande parte. Mas o câncer voltou, acho que agora no intestino. Está fazendo a quimioterapia em casa, mas passa mal. Os cabelo caíram, mas como sempre gostou de ter uma coleção de perucas...

— E essa viagem que ela quer fazer? Será que vai ser bom para ela?

— Ah, ela está decidida a fazer. Ela não fala em outra coisa. Imagine que ela está com as malas prontas há duas semanas. Malas pesadas, cheias de roupas. Ela teima em arrastar pelo quarto, não consegue, e aí fica me chamando.

— Mas, nesse estado de saúde... e parece que ela quer ir de carro.

— Isso mesmo.

— Não seria melhor ir de avião?

— Ela não quer de jeito nenhum. Quem sabe se você conversasse com ela... fale que será muito cansativo, talvez ela mude de ideia.

— Vou tentar, mas é difícil convencê-la de alguma coisa quando ela põe na cabeça...

— Eu não queria que ela fosse... não sei se suportará a viagem... mesmo que fosse de avião. E se ela passar mal no caminho?

— Bom, isso eu resolvo, providencio o socorro e, se for o caso, voltamos. Mas eu não gostaria de fazer essa viagem tão longa de carro.

— Pois é... mas ela disse que prefere ir de carro justamente porque a viagem é longa.

- x 0 x -

— Está com fome, Rosa? Sente-se aqui.

— O que você fez para o jantar? Você sabe que o Estevão gosta de comer bem.

— O que é isso, vó! Comida de quartel é aquela coisa de sempre.

— Mas os oficiais comem bem, não é?

— Tem que ser muito "oficial" para comer bem. A maioria fica no bandejão de sempre.

— Ah, não exagera.

— Fiz um risoto de frango, salada de batata e, para você um caldinho de mandioquinha.

— De novo, Iracema! Não aguento mais esse caldinho. Vamos pedir uma pizza, para comemorar a vinda do meu neto.

— Pizza, Rosa, o que é isso? Nem pensar...

— Qual é o problema, quero pizza. Uma cerveja também ia muito bem...

— Essa vó...

— Estou falando sério, pede uma pizza. Para mim, quero de pepperoni. A de vocês, vocês escolhem.

— Ah, Rosa...

— A senhora quer mesmo? Então pede para ela, tia... E a viagem, a senhora não acha melhor...

— Vamos segunda, de madrugada, não é mesmo?

— Sim, mas não é melhor esperar um pouco? Estou de férias, posso ficar aqui alguns dias e depois vamos.

— De jeito nenhum. Por mim, ia amanhã mesmo. Mas é domingo. Vai estar tudo fechado na estrada.

— Vó, não é melhor irmos de avião? É mais rápido, mais seguro e confortável.

— Você não enjoa de avião? Quase vive dentro de um... Quero ir de carro. O seu carro não está bom?

— Sim, mas preciso ver algumas coisas, fazer uma revisão.

— Conversa, Estevão. Cuidadoso como você é, seu carro deve estar nos "trinques". É novo, não é?

— Sim, mas...

— Rosa, você não está bem... vai dar trabalho para o Estevão no caminho...

— Trabalho nenhum. Mas estou preocupado com a sua saúde, tem que tomar todos aqueles remédios na hora certa.

— Não vou tomar remédio nenhum.

— Como não vai tomar remédio, Rosa?

— Não vou. Já não tomei hoje. Não vou tomar mais.

— Mas vi você tomando...

— Viu, mas não viu. Quando você se descuidou, eu cuspi tudo.

— Ah, vó, não faz isso.

— Por que não? Já estou cansada disso. Essa porcaria de remédio está me fazendo mais mal que o câncer. E, depois, quanto tempo eu tenho? Um ano? Um mês? Esses médicos não sabem nada. E vocês querem saber, depois se semanas hoje é o primeiro dia em que me sinto bem. Esses médicos querem é vender remédios...

— Ah, vó, não é assim. Os médicos sabem o que fazem, estudaram para isso.

— Estudaram mas não aprenderam nada. Nem como tratar as pessoas e nem como viver a vida. Cadê a pizza?

— Já pedi. Como você é teimosa.

— Não quero mais falar de doença, chega. Quero falar de saúde e de alegria. Vamos de madrugada. Quero ver o nascer do sol na estrada. Dirija bem devagar, Estevão, quero ir olhando a paisagem, parando aqui e ali, comprar lembrancinhas, almoçar. Quero chegar em Santa Lucia à noite. Acho bonito chegar de viagem no hotel, à noite, pois tudo fica mais silencioso, com pouco movimento dos hóspedes, o gerente sentado em sua mesa e a recepção quase vazia, com aquele sininho sobre o balcão.

— Não era melhor ir de avião? Santa Lúcia é longe, já vi pelo mapa. Vamos até Porto Alegre e lá alugamos um carro...

— Que coisa mais sem graça, Estevão. Além do mais, tenho medo de avião...

— Desde quando, Rosa? Ah, a pizza chegou.

— Que bom. Já que não tem cerveja, tomo um suco de laranja. Tem suco, não é Iracema?

— Vou pegar.

- x 0 x -

— A pizza está boa, não está, Estevão? E você, Iracema?

Gosta da “portuguesa”, não é? Porque não pediu. Mas a de frango também é boa não é?

— Está muito boa, vó.

— Não sou burra. Eu sei que não posso comer... mas queria sentir o aroma do queijo... Hum... que delícia... Vai lá, Iracema, me trague o “abençoado” caldo de mandioquinha. E vamos fazer um brinde.

NOITE

— Estevão, Estevão, vem aqui, a Rosa está passando mal.

— O que foi?

— Acho melhor levar ela para o hospital. Parou de tomar os remédios... Está com muita falta de ar... o inalador não está resolvendo...

— Vó... vó...

— Estou com frio... pegue o meu casado... o marrom... Não... esse não... o marrom, não está vendo, Iracema.

— Ela não está falando coisa com coisa... Ouvi barulho, entrei aqui, ela estava cantando, sentada na cama.

— Vou chamar uma ambulância.

— Não vou para o hospital. Me deixem aqui. Olha quanta gente... a apresentação vai ser um sucesso. "A vingança do Inferno arde em meu coração... lala lá lá ..."

— Não é aquela ópera do Mozart? Vó? Vó? Ela tocava esse disco direto quando eu era criança... por que ela está cantando isso?

— Ligue para o hospital.
— Só dá ocupado.

"Der Hölle Rache kocht in meinem Herzen,
Tod und Verzweiflung flammet um mich her!"

— Ela está com febre alta. Rosa, por que você foi parar com os remédios???
— Continua ocupado. Acho melhor levá-la... vou tirar o carro.
— Espere... ela está se acalmando...
— É... a respiração está voltando ao normal.
— Vou desligar o inalador.
— Vó? Vó? Parece que ela dormiu.

DOMINGO

— Judith, sente-se aqui para tomar um café comigo.

— Obrigado, dona Rosa. Bom dia, dona Iracema.

— Rosa, o que você está fazendo levantada? Não era para você estar na cama? Passou tão mal esta noite.

— Eu passei mal??? Nunca dormi tão bem.

— A senhora precisa se cuidar, dona Rosa.

— Essa aí é uma teimosa. Você acredita que ela não quer mais tomar os remédios?

— Não faça isso, a senhora precisa...

— Judith, você não acredita em Deus? Eu nunca acreditei muito, mas... Sempre achei Ele gordo, velho, carrancudo, de mal com a vida. Mas, agora, não sei... Deus parece estar diferente, sinto ele dentro do meu coração e quando olho para o rosto Dele vejo luz e estrelas, uma luz muito suave que não ofusca. Não sei se é a idade ou a doença, mas me sinto mais leve, tão magrinha que poderia flutuar como uma penugem. Você não acredita em Deus, Judith?